

QUÃO CONTINENTAIS SÃO OS ARENITOS DITOS FLUVIAIS?

Arai, M.¹

¹Universidade Estadual Paulista (UNESP)-IGCE/UNESPetro, Rio Claro-SP, Brasil

RESUMO: Arenitos considerados como de origem fluvial podem ter sido depositados sob influência marinha, tendo como nível de base o nível do mar. Este fato vem sendo revelado graças à aplicação de estudos paleontológicos em estratos associados a tais arenitos. Um exemplo típico disso é o caso do Grupo Barreiras, tradicionalmente considerado como de origem fluvial/aluvial, que, após o reconhecimento de fósseis comprovadamente marinhos em sua seção miocênica no final da década de 1980, os sedimentólogos passaram a reconhecer nele estruturas de maré e icnofósseis tipicamente marinhos. Outro exemplo é o Grupo Itapecuru (Cretáceo da Bacia do Parnaíba), constituído predominantemente por arenitos fluviais e que, na parte distal junto à Bacia de São Luís, passa a se interdigitar com clásticos finos com fósseis marinhos. No mundo afora, também existem vários exemplos de arenitos outrora considerados como tipicamente continentais que passaram a revelar fósseis marinhos no decorrer do século XX – *e.g.*, Old Red Sandstone (Devoniano da Euramérica) e Nubian Sandstone (Paleozoico-Mesozoico do nordeste da África e Península Arábica). Além da presença de fósseis marinhos, a grande continuidade lateral pode sugerir que arenitos foram depositados em nível de base marinho. É o caso dos arenitos capeadores coevos das chapadas cretáceas do Brasil: Formação Exu (Bacia do Araripe), Grupo Urucuia (Bacia Sanfranciscana) e Formação Utariti (Bacia dos Parecis). Embora não tenham revelado ainda fósseis comprovadamente marinhos, cogita-se também a possibilidade das unidades aptianas pré-evaporíticas tenham se depositado em ambiente transgressivo com certa influência marinha. São elas: Formação Grajaú (Bacia do Parnaíba), Formação Rio da Batateira (Bacia do Araripe), Formação Muribeca/Membro Carmópolis (Bacia de Sergipe), Formação Marizal (bacias do Recôncavo e Tucano), Formação Taipus-Mirim (bacias de Camamu e Almada), Formação Mariricu/Membro Mucuri (bacias de Jequitinhonha, Cumuruxatiba e Espírito Santo), etc.. Nessas unidades, muitas das estratificações cruzadas que vinham sendo consideradas como de origem fluvial podem ser, na realidade, estruturas geradas por maré enchente que foram preferencialmente preservadas em ambiente transgressivo. Em suma, além do conteúdo fossilífero, os seguintes aspectos podem ser considerados para diagnosticar a origem marinha dos “arenitos fluviais”: (1) grande extensão geográfica, (2) manutenção da mesma fácies a longa distância e (3) existência de várias unidades coevas em extensão continental/intercontinental.

PALAVRAS-CHAVE: Arenitos fluviais, Influência marinha, Chapadas.